

## Breve descrição da composição sintagmática nominal no português arcaico

Antonia Vieira dos Santos

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SANTOS, AV. Breve descrição da composição sintagmática nominal no português arcaico. In: OLIVEIRA, K., CUNHA E SOUZA, HF., and SOLEDADE, J., orgs. *Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 21-42. ISBN 978-85-232-1183-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## BREVE DESCRIÇÃO DA COMPOSIÇÃO SINTAGMÁTICA NOMINAL NO PORTUGUÊS ARCAICO

Antônia Vieira dos SANTOS  
(PPGLL/UFBA/PROHPOR)

### INTRODUÇÃO

Este artigo se inscreve em um projeto de doutoramento sobre os compostos sintagmáticos no português arcaico. A inserção dos compostos sintagmáticos no âmbito da composição, em especial os de estrutura NA, AN e NprepN, constitui um tema bastante controverso, em consequência, principalmente, do limite tênue entre compostos com essa configuração e construções da sintaxe (SCALISE, 1994 e BOOIJ, 2005, por exemplo). Não obstante, objetivamos, com este trabalho, apresentar evidências da presença de compostos sintagmáticos com as estruturas VN, NN, NA, AN e NprepN em textos do português arcaico, sejam eles resultantes de um procedimento regular de formação de palavras ou de um processo de lexicalização.

No desenvolvimento do nosso trabalho de investigação sobre os compostos na língua portuguesa arcaica, optamos por buscar inicialmente em latim indícios da composição herdada pelo português, pois, conforme aponta Mattoso Câmara Jr. (1979, p. 211), a derivação e a composição, mecanismos produtivos de formação e ampliação do léxico português, constituem uma herança da língua latina. Contudo, é habitualmente destacado pelos autores que tratam a composição em latim o seu emprego escasso nessa língua, limitado a alguns tipos tradicionais, não sendo, conseqüentemente, produtivo, apesar de se tratar de um procedimento existente no indo-europeu (MEILLET; VENDRYES, 1953 [1924], p. 420). Faz-se necessário, no entanto, descrever o tipo de composto a que se referem os autores.

Os compostos latinos, que geralmente recebem o epíteto “propriamente ditos”, caracterizam-se pela ausência de desinências no primeiro termo e pela presença de uma vogal de ligação, delimitadora da fronteira entre os radicais. Na palavra latina *agricola*, por exemplo, distinguem-se dois radicais: *agr-* e *col-*, uma vogal de ligação (-i), além de um sufixo composicional (-a). É a esse tipo de

composto que se referem alguns autores quando destacam o emprego escasso da composição em latim<sup>1</sup>. Frise-se, ainda, que no estrato mais antigo de compostos latinos, as composições adjetivas, também chamadas de possessivas ou exocêntricas, eram mais freqüentes que as composições nominais (BADER, 1962).

Ao lado dessas estruturas compostas, encontram-se os justapostos, resultantes da «soldadura más o menos estrecha de dos términos unidos por una relación sintáctica y que conservan sus formas, si no su sentido» (VÄÄNÄNEN, 1967, p. 154). Em outras palavras, os justapostos são grupos sintáticos sentidos como uma unidade semântica (*res publica, senatus consultum, aquae ductus, fidei commissum, olus atrum* etc.), mas que conservam a natureza flexiva de seus elementos, havendo a concordância do nome com o seu modificador (*juris jurandi*, em contraste com *juri-dicus, patres-familiarum*, em contraste com *patri-cida, rei publicae* etc.) (LINDSAY, 1937 [1915], p. 192).

A distinção entre compostos e justapostos pode ser observada também na consideração que Huber (1986[1933], p. 276, §436) tece sobre a composição na língua portuguesa arcaica: «[o] português antigo faz pouco uso da composição. Na maior parte dos casos trata-se de meras justaposições». Exemplifica as justaposições com *dona-virgo* 'virgem', *ricomen* 'rico-homem', *boandança, mal-andante* etc. Acredita tratar-se de outro tipo composições como *filho d'algo* e *dona d'algo*, em que intervém uma preposição.

Portanto, parece-nos que a idéia de composto desenvolvida por muitos autores é muito estrita, radicada no próprio sentido etimológico da palavra "composto", do latim *compositum*, particípio de *compōnō* 'pôr juntamente; juntar; reunir', de maneira que as justaposições, embora caracterizadas pela aposição dos constituintes, não transmitem, pelo menos formalmente, a idéia de um verdadeiro composto.

---

<sup>1</sup> De uso restrito, os compostos latinos representavam um recurso expressivo da linguagem principalmente literária, servindo, nesse caso, a fins puramente estilísticos. A composição latina se desenvolveu juntamente com a criação e o estabelecimento de uma tradição literária própria, que se deu a partir da imitação dos modelos gregos. Os compostos gregos, empregados de forma ativa e abundante, principalmente na poesia, representavam um grande desafio para os tradutores latinos, tendo em vista que a língua alvo era alheia à composição. A tentativa de traduzir compostos gregos em latim foi mais comum no âmbito dos poetas arcaicos, fato que recebeu a crítica de Quintiliano. Os latinos, por não disporem dessa facilidade, em muitos casos traduziram os compostos gregos por palavras simples ou por perífrases.

No caso da língua portuguesa atual, sabe-se que lexemas como *beija-flor*, *pai de família*, *madrepérola*, *aguardente*, *pernalta*, *viandante* etc. são arrolados como compostos (por justaposição ou por aglutinação) em algumas gramáticas tradicionais (aqui utilizamos a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Cunha e Lindley Cintra, como referência). Por outro lado, palavras como *arborícola*, *vermífugo*, *carnívoro*, *taquicardia*, *morfologia* etc., caracterizadas pela presença de radicais latinos e/ou gregos, são incluídas na categoria de “compostos eruditos”, mas essa categoria é apresentada quase que à parte dos outros tipos de compostos. Observe-se que esse tipo de composição está de acordo com os moldes da composição latina, no sentido em que esta se opõe à justaposição.

É preciso deixar claro, portanto, que tipo de estrutura constitui, de fato, um composto na língua portuguesa. À partida, a respeito dos aglutinados, concordamos com Mattoso Câmara Jr. (1998 [1971], p. 39) quando ele lhes atribui, na perspectiva sincrônica, o estatuto de palavra simples, e os faz equivaler à “perda de uma justaposição na história da língua”. Obviamente, o fato de adquirirem comportamentos flexionais de palavra simples não implica que a sua estrutura interna não seja mais reconhecida como outrora lexicalmente complexa<sup>2</sup>. Há vocábulos que não atingem (ou que ainda não atingiram) um grau máximo de coalescência morfofonológica. Por exemplo, ao nos depararmos com o lexema *pernalta*, é despertado no nosso espírito o fato de que se trata de uma estrutura composta de *perna* e *alta*. Não constitui um composto morfológico, pois não apresenta a sua marca formal, ou seja, a vogal *-i-* (ou *-o-*) ligando os dois radicais.

Villalva (2003) reconhece dois tipos de compostos: os morfológicos e os morfossintáticos. No âmbito dos compostos morfológicos, que se caracterizam pela concatenação de dois radicais, intermediada por uma vogal de ligação, é possível incluir os chamados “compostos eruditos”. Os compostos morfossintáticos, apesar de envolverem a presença de dois ou mais lexemas autônomos, não abrangem, na perspectiva de Villalva, expressões nominais com

---

<sup>2</sup> Aliás, talvez as gramáticas tradicionais (prescritivas, não históricas) não arrolassem exemplos de aglutinados se não fosse ainda possível identificar algum dos constituintes ou todos eles.

as estruturas NA, AN e NprepN, como *amor-perfeito*, *curto-circuito* e *pés de galinha*, denominadas pela autora de “expressões sintáticas lexicalizadas”.

A marginalização dessas estruturas não condiz com a realidade da composição na língua portuguesa. Apesar da desconfortável homonímia com grupos sintáticos (e, ainda, com as chamadas “colocações”) que obscurece as fronteiras entre essas estruturas, é possível observar, na diacronia e na sincronia, o funcionamento de várias expressões com essas configurações como uma unidade lexical<sup>3</sup>. O argumento levantado por Villalva de que o funcionamento de expressões com essas estruturas estaria condicionado a uma leitura figurada não impede, contudo, a sua produtividade na língua. Por outro lado, a composicionalidade semântica deve ser concebida como uma realidade escalar (RIBEIRO, 2006, p. 11), de modo que posições extremas em relação aos compostos – ou são transparentes ou são opacos – tendem a não contribuir para o entendimento desse mecanismo de formação de palavras.

Admitimos, portanto, tal como Villalva, a existência de duas categorias de compostos: a dos compostos morfológicos e a dos compostos morfossintáticos ou sintagmáticos. Ambas as categorias são paralelas às existentes em latim, conhecidas sob as designações de “compostos” e “justapostos”. Contudo, no caso dos compostos morfossintáticos, consideramos também as estruturas NA, AN e NprepN, além de VN e NN. A inclusão dessas estruturas exige uma relativização no conceito de composto, que passa a ser interpretado em termos de um gradualismo sintático e semântico, que corresponde a níveis de fixação ou cristalização e de idiomaticidade, fenômenos escalares, tal como ocorre com as unidades fraseológicas. Nesse sentido, os compostos morfossintáticos ou

---

<sup>3</sup> Nesse ponto, é necessário lembrar que o hífen não pode ser tomado como marca formal da composição. Trata-se de uma convenção da escrita que, aplicada aos compostos, constitui uma tentativa de traçar os seus limites, individualizando-os. No entanto, o seu uso nesse meio se dá muitas vezes de forma assistemática. Como Herman Paul (1970 [1920], p. 350) já havia percebido, o hífen reflete uma tentativa de marcar, através da escrita, a chegada de uma estrutura sintática ao estágio de um composto, constatação nem sempre fácil devido ao caráter gradual desse processo. Sob essa perspectiva, não há diferença entre *chapéu-de-sol* e *pai de família*, por exemplo. O emprego do hífen no interior das formas compostas não se desenvolve antes do século XIX, quando, com o movimento dos “sônicos”, intenta-se retratar fonograficamente a língua falada (MARQUILHAS, 1987, p. 113). Os compostos que aparecem grafados com hífen no *corpus* (e no texto) resultam de critérios de transcrição adotados pelos autores das respectivas edições.

sintagmáticos são redefinidos como estruturas plurilexicais que se caracterizam pela justaposição de duas ou mais palavras autônomas, por vezes intermediadas por uma preposição, aportando diferentes níveis de composicionalidade (RIO-TORTO, 2006, p. 9)<sup>4</sup>.

## 2 A ESCOLHA DO CORPUS

O *corpus* se estende do século XIII até meados do século XVI. Os textos selecionados – *Cantigas de Santa Maria* (CSM), *Cancioneiro da Ajuda* (CA)<sup>5</sup>, *Testamento de Afonso II* (TAS e TAS')<sup>6</sup>, *Foro Real* (FR) (Séc. XIII); *Cantigas de Escarnho e de Mal Dizer* (CEMD)<sup>7</sup>, *Primeyra Partida* (PP), *Vida de Santo Aleixo*<sup>8</sup> (VSA36) (Séc. XIV); *Crónica Geral de Espanha de 1344*<sup>9</sup> (CGE), *Crónica de Dom Pedro* (CDP)<sup>10</sup>, *Leal Conselheiro* (LC), *Tratado de Tordesilhas* (TT), *Vida de Santo Aleixo* (VSA266) (Séc. XV); *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*<sup>11</sup> (GR), *Vida e Feitos de D. João* (VFDJ), *Trasladação do Corpo d'El-Rey D. João o Segundo* (TCDJ), *Livro de José de Arimatéia* (LJA) e *Carta de Caminha* (CC) (Séc. XVI) – pretendem ser representativos, tanto do ponto de vista das sincronias que se pretende estudar, quanto do ponto de vista da sua natureza tipológica. Além disso, demos preferência a edições (impressas) consideradas adequadas para um estudo de cunho lingüístico.

## 3 A EXTRAÇÃO DOS DADOS

A recolha de dados se deu por meio da leitura atenta e integral dos textos selecionados como *corpus*. As formas lingüísticas compatíveis com as chamadas palavras compostas foram extraídas, em um primeiro momento, sem a

---

<sup>4</sup> Página referente à versão *online*.

<sup>5</sup> O códice remanescente se situa provavelmente nos fins do séc. XIII.

<sup>6</sup> Trata-se de dois exemplares subsistentes do Testamento do terceiro rei de Portugal, Afonso II. TAS é a cópia de Lisboa e TAS' a de Toledo.

<sup>7</sup> Composições situadas entre fins do séc. XIII e meados do XIV.

<sup>8</sup> Trata-se de dois códices em português: Cód. 36 e Cód. 266. O primeiro é estimado ser de 1375, aproximadamente; o segundo envolve dois estados, pois teria sido composto por dois escribas: o primeiro estado por volta de 1400 e o segundo anterior a 1435 (segundo ALLEN JR., 1953).

<sup>9</sup> Selecionamos para este estudo apenas o volume III da edição preparada por Lindley Cintra (1984).

<sup>10</sup> Na segunda edição, revista, da *Crónica de D. Pedro* (2007), aponta-se que os principais manuscritos que servem de base à edição podem remontar aos primeiros anos do séc. XVI ou ao final do século XV.

<sup>11</sup> Selecionamos para este estudo apenas o volume III da edição preparada por Aida F. Dias (1993).

preocupação imediata de submetê-las a “testes” que confirmassem ou não o seu caráter de composto. Para o reconhecimento de um composto, recorremos, em muitos casos, a distintos glossários apensos às edições de textos medievais, ao *Elucidário*, de Viterbo, e, ainda, a alguns dicionários, etimológicos e da época moderna. Nesse processo, percebemos a inexistência da prática, principalmente nos glossários consultados, de incluir unidades maiores do que a palavra como lema ou sublema, o que dificultou a nossa pesquisa. Em alguns casos, tivemos de elaborar uma definição do composto a partir do(s) contexto(s) de ocorrência.

#### 4 ORGANIZAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DOS DADOS

Os dados do *corpus* foram organizados de acordo com a estrutura sintática/sintagmática envolvida: VN, NN, NA/AN, NprepN. Do ponto de vista configuracional, essa seqüência representa, na perspectiva da existência de um *continuum*, estruturas que partem da mais opaca para a menos opaca. No âmbito de cada tipo composicional, traçamos um *continuum* semântico, que também parte do mais opaco para o menos opaco, sendo que seqüências composicionais exocêntricas em que intervêm mecanismos tropológicos, como a metáfora e a metonímia, tendem a ser mais opacas sintática e semanticamente.

#### 5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

##### 5.1 COMPOSTOS VERBO-NOME (VN)

Os compostos VN estão escassamente representados nos textos do *corpus*: *guarda-cós* (CEMD), *fura buchos* (CC), *guarda-poo* (TCDJ), *guarda-roupa* (GR, VFDJ) e *passatempo* (VFDJ). Desses compostos, *guarda-cós* e *guarda-roupa* parecem ter proveniência francesa: *garde-corps* (VITERBO, s.v. *guarda-cós*), *guarderobbe* (LIÃO, 1784, p. 76). Quanto a *guarda-cós*, Nobiling (1907, p. 64) refere que essa forma pode corresponder ao provençal *guarda-cors*.

Trata-se de compostos em geral transparentes sintaticamente, embora a previsibilidade da ordem sintática V-Objeto Direto, característica dessas formas, não se manifeste em todos os casos, como em *guarda-poo*, que apresenta a ordem

V-(Complemento Direto)-Complemento Oblíquo. Como se pode observar, o verbo *guardar* está presente em três das cinco construções registradas.

O composto *guarda-roupa*, que fornece várias ocorrências (registrou-se para os outros compostos apenas uma ocorrência), apresenta, no texto da *Vida e feitos de D. João*, usos como agentivo (ofício) e como locativo (local onde se acondicionam as roupas), listados respectivamente a seguir:

«Has quaes cartas o conde de Farão a que elle na estraçam mandou que todos obedecessem e comprissem seus mandados até tornarem a Portugal, deu a Antam de Faria camareiro e **guarda-roupa** do principe *que* ao tal tempo lá era a visitar el-rey» (VFDJ 630)<sup>12</sup>

«E ao outro dia sabado mandou el-rey chamar o duque a Palmella, o qual dizem *que* veyo com muito pejo; e em se cerrando a noyte el-rey o chamou a sua **guarda-roupa**, *que* era nas casas *que* foram de Nuno da Cunha em *que* entam el-rey pousava, onde o duque entrou soo sem algũa pessoa entrar com elle» (VFDJ 2578)

No vol. III do *Cancioneiro Geral*, *guarda-roupa* apresenta uso como locativo:

«Ûus vejo casas fazer / e falar por antresoilos / que creio que têm mais doilos / do qu' eu tenho de comer. / Outros **guarda-roupa**, quartos / tambem vejo nomear / que ja deviam d'estar / d'isso fartos» (GR 51.2)

«Eu sam caçador de galgos / e tenho feiçam de choupa, / nom folgo na **guarda-roupa** / nem deixo laa ir fidalgos» (GR 270.25)

O composto *guarda-roupa* também aparece integrado numa estrutura sintagmática estendida, de maneira que poderia ser considerado composto toda ela (a par de compostos NprepN como *moço d'estribeira* e *moço da camara*, por exemplo):

«Antam de Figueredo **moço da guarda-roupa** andava muyto honrradamente e trazia grande casa nam tendo mais *que* mil e quinhentos reaes de moradia» (VFDJ 8527)

---

<sup>12</sup> Indicada a linha da edição selecionada. O mesmo vale para o texto TCDJ.



É possível perceber que nos usos como locativo a forma *guarda-roupa* é quase sempre marcada no feminino pela presença de um atualizador, concordando (aparentemente) com o gênero do constituinte nominal<sup>13</sup>.

Além de a estrutura VN indicar nomes agentivos e locativos, ela também fornece nomes referentes a instrumentos e objetos, como parece tratar-se *guarda-cós* e *guarda-poo*, a animais, como é o caso de *fura buchos*, que designa uma espécie de ave, e a noções abstratas, como *passatempo*.

## 5.2 COMPOSTOS NN

Também podem ser considerados escassos os registros de compostos com essa estrutura: *conde-prior* (TCDJ), *foucelegon*<sup>14</sup> (CEMD), *guarda-porteiro* (GR), *ifant-abade* (CSM), *Madre-donzela* (CSM), *maestre scola* (PP), *meestre salla* (TT), *mestre-salas*, *mestres-salas* (VFDJ), *pedra marmor* (CGE; CDP), *pedras marmores* (CSM).

Ao composto *maestre scola* é atribuída origem francesa: *maistre escole* (MACHADO, s.v. mestre)<sup>15</sup>. Como se trata de compostos homocategoriais, isto é, que envolvem categorias idênticas, é possível a ocorrência de estruturas coordenadas e estruturas não-coordenadas. São coordenadas as estruturas *conde-prior*, *foucelegon*, *guarda-porteiro*, *ifant-abade* e *Madre-donzela*. As outras estruturas, no caso modificativas, implicam a presença da preposição *de*: *maestre* (de) *scola*, *meestre* (de) *salla*, *pedra* (de) *mármor*<sup>16</sup>. Como se pode notar, esses compostos denotam, com exceção de *pedra marmor* e *foucelegon*, entidades humanas:

---

<sup>13</sup> Veja-se a observação de Jerônimo Soares Barbosa (1881 [1822], p. 87): «São do genero masculino todos os nomes substantivos que significam macho (...), e ainda aquelles que sendo femininos, quando significam coisas ou acções, passam a designar varios officios proprios do homem, como o atalaya, o cabeça, o guarda, o **guarda-roupa**, o guia, o lingua, o trombeta, etc» (o destaque é nosso). De fato, as ocorrências no nosso *corpus* referentes ao ofício ou à própria pessoa que desempenha o ofício de guarda-roupa resistem à marcação com o feminino.

<sup>14</sup> Lapa, na sua edição das *Cantigas de Escarnho e de Mal Dizer*, à p. 194, aceita a informação, partida de um folclorista galego, de que se trata do grilo ceboleiro, inseto destruidor de plantações. Morfologicamente, é constituído por dois nomes, *fouce* e *legon*, que designam utensílios empregados na atividade agrícola (*foice* e *enxada*, respectivamente): Trata-se, portanto, de um emprego metafórico, evocando as ações prejudiciais praticadas pelo referido inseto.

<sup>15</sup> O texto da *Primeyra Partida* registra ainda as formas *maestre scolar* e *meestre scolar*, em que a morfologia do adjetivo denominal indica uma correspondência com o sintagma 'de escola', estando, também nesse caso, implícita a preposição *de*, mas explícita a função do determinante.

<sup>16</sup> *Pedra marmor* também poderia receber uma interpretação apositiva, isto é, sem a existência, na sua estrutura de base, de uma relação de complementação. Isso torna-se possível quando interpretamos "mármore" (determinante) como um objeto/substância pertencente à classe "pedra"

«Mas aquel **ifant-abade** | fez-lo de fora chamar, / e pois que sayu a ele, | mandó-o ben recadar, / e assi o fez per força | do cimate[i]ro tirar» (CSM 164.21)<sup>17</sup>

«Mais os outros prelados *que* <nō> som feytos per sliçõ de sseus cabidoos nō podê scomūgar, assi como arçiadiagoo ou arçipreste ou châtre ou **maestre scola** ou thesoueyro» (PP XII.259)<sup>18</sup>

«por maior firmeza iuramos a Deuz e a Sancta Marja e aas palauras dos Sanctos Euangelhos honde quer que mais largamente sam scriptos e ao sinal da + ã que corporalmente posemos nossa mão direita em presença de Fernam Duque d' Estrada, **meestre salla** do muy illustri princepe dom Joham, nosso mujto amado e prezado sobrinho» (TT 7v.28)<sup>19</sup>

«e o **conde-prior** mordomo-mor hia diante do sancto corpo *que* assi veo sempre com elle desd' a cidade de Silves té o dito moestreiro» (TCDJ 73)

«S'a feiçam me nam engana, / sois em cabo gracioso / e agora quam pomposo / andareis com vossa cana, / diante das iguarias, / com guarda, **guarda-porteiro**, / com o rol das moradias / ja agora neste Janeiro» (GR 275.22)<sup>20</sup>

«E diante dela muitas trombetas, e atabales, charamelas, e sacabuxas, muitos porteiros de maça, e reys d'armas d'el-rey e da raynha de Castella vestidos de ricas sedas e bem encavalgados, e / seus **mestre-salas**, veador, e mordomo-mor ricamente vestidos» (VFDJ 5457)

O estabelecimento de um padrão flexional de plural para *mestre-sala* não é tão simples, devido a alguns contextos de interpretação imprecisa. No caso a seguir, apesar de ser antecedido por *muitos* numa série enumerativa, com todos os seus elementos no plural, *mestre-salas* é imediatamente seguido por *veador*, no singular:

«E diante do principe muytas trombetas, atambores, charamelas, e sacabuxas, e outros muitos estormentos, e muitos porteiros da maça, reys d'armas, porteiros-mores, **mestre-salas**, veador, e o mordomo-mor com todallas cerimonias reaes» (VFDJ 65)

---

(determinado) (N1ClasseN2Substância). Seria, nesse caso, uma aposição de natureza sintática, correspondendo à estrutura atributiva: *o mármore é uma pedra*.

<sup>17</sup> São indicados o número da cantiga e a linha conforme a edição selecionada. O mesmo vale para *CEMD*.

<sup>18</sup> São indicados o número do capítulo e a linha. O mesmo vale para *CDP*.

<sup>19</sup> São indicados o número do fólho e a linha do fólho (e não a linha da página). O mesmo vale para *CC*.

<sup>20</sup> São indicados o número da página e a linha. O mesmo vale para *CGE*.

Neste outro, *seus*, no plural, pode estar desempenhando um papel resumitivo da série que se segue:

«E diante dela muitas trombetas, e atabales, charamelas, e sacabuxas, muitos porteiros de maça, e reys d'armas d'el-rey e da raynha de Castella vestidos de ricas sedas e bem encavalgados, e seus **mestre-salas**, veador, e mordomo-mor ricamente vestidos» (VFDJ 5457)

Por outro lado, a variação de número em ambos os constituintes nominais apresenta-se de forma muito clara no seguinte contexto:

«E na sala da madeira nestes dous banquetes, e assi nos outros dias dos momos qualquer homem que ahi vinha rebuçado *com* touca era logo pollos **mestres-salas** e porteiros-mores muy bem agasalhado onde bem via tudo» (VFDJ 5638)

Além disso, não fica claro se a marca de plural presente no nome especificador (*salas*) constitui um traço lexicalizado, isto é, se essa forma é empregada invariavelmente para o plural e para o singular (*mestre-salas*, sg./*mestre(s)-salas*, pl.).

«E a todos seus officiaes-mores, mordomo-moor, veadores da Fazenda, guarda-mor, camareiro-moor, porteiro-moor, veador e **mestre-salas**, fez muyto grandes merces e a todos os outros vestidos de ricas sedas e brocados e outras merces» (VFDJ 5103)

No *Tratado de Tordesilhas* (1494), contudo, registra-se *meestre salla*, referido a um indivíduo singular, designado por um nome próprio. No entanto, esse fato não anula a hipótese da existência de uma outra forma para o singular, mas, nesse caso, com o traço de plural<sup>21</sup>:

«e por maior firmeza iuramos a Deuz e a Sancta Marja e aas palauras dos Sanctos Euangelhos honde quer que mais largamente sam scriptos e ao sinal da + ã que corporalmente posemos nossa mão direita em presença de Fernam Duque d' Estrada, **meestre salla** do muy illustri princepe dom Joham, nosso muyto amado e prezado sobrinho» (TT Fol. 7v.30)

---

<sup>21</sup> O dicionário Aurélio registra como lema *mestre-sala*.

Além de *mestres-salas*, a forma *pedras marmores* evidencia a dupla pluralização, o que significa que compostos desse tipo não constituem estruturas totalmente opacas do ponto de vista da sua morfologia interna. A marca de plural incide não apenas sobre o núcleo, mas também sobre o seu especificador:

«Como Santa Maria fez parecer a sa omage d'ontre hūas **pedras marmores** que asserravan en Costantinopla» (CSM 342.1)

Esse comportamento flexional – de duplo plural – revela a tendência, nesse tipo de composto, de fazer equivaler a estrutura NN à estrutura NA (MATTOSO CÂMARA JR., 1979, p. 213), ocorrendo uma espécie de “sintagmatização” do composto. Em suma, tem-se que a estrutura NN, com configuração interna apositiva ou de NprepN, tende a se equiparar, do ponto de vista da flexão de número, a uma estrutura NA, em que, como na sintaxe, o adjetivo varia a sua flexão de acordo com o substantivo.

### 5.3 COMPOSTOS NA E AN

Diferentemente dos compostos com a estrutura NN e VN, os compostos NA constituem, ao lado de compostos NprepN, o tipo de formação mais freqüente no nosso *corpus*, do qual apontaremos apenas alguns registros: *agoa benta* (CSM, PP, CDP, LJA, VFDJ), *agoa doce* (CC, VFDJ), *agua rosada* ‘água de rosas, solução alcóolica de essência de rosas, muito diluída em água’ (CSM, GR), *armas brancas* (CGE), *braço deestro* (CGE), *capitão-mor* (CC), *cirio pascoal* (CSM, LC), *mal frances* ‘sífilis’ (GR), *mar oceano*<sup>22</sup> (TT, VFDJ), *monges brancos* ‘monges da ordem de Cister’ (CSM, CGE), *notairo publico* (TT), *olho mao* (CEMD), *panos menores* ‘roupa interior’ (PP, CGE), *pedras preciosas* (PP, CGE, LJA), *pollo artico* (TT), *porco montes* ‘javalí’ (FR, CC), *sol-posto* (CC, VFDJ) etc.

Os compostos AN, por sua vez, encontram-se escassamente representados: *baixamar* (CC), *Estrema Hunçom* (LC), *falso testemunho* (PP, LC), *livre alvidro* (LC), *maas molheres* (PP), *mea idade* (CDP), *meio dia* (CSM, CDP, LC, CGE, LJA, GR, CC),

---

<sup>22</sup> Nessa construção, originada do latim *mare Oceanum* ‘Oceano Atlântico’, *oceano* é empregado como adjetivo (cf. TORRINHA, 1945, s.v. *oceanus*).

*meia noite* (CSM, CDP, LC, CGE, LJA), *rico homẽ* (TAS, CSM, FR, PP, CDP, CGE, LJA), *vãa gloria* (PP, LC) etc. Desses, alguns parecem corresponder a expressões cristalizadas já em latim: *Estrema Hunçom* (< *extrema uncio*), *falssso testemunho* (< *falsum testimonium*), *livre alvidro* (< *liberum arbitrium*), *meio dia* (< *medio die*), *meia noite* (< *mediam noctem*) e *vãa gloria* (< *vanam gloriam*).

Entre os nomes e os adjetivos prevalecem aqueles de morfologia simples.

Nesses compostos, em particular aqueles com a estrutura NA e que permitem uma leitura literal, o adjetivo modifica o substantivo, desempenhando uma função notoriamente restritiva, particularizando-se, em muitos casos, uma acepção classificativa.

No âmbito dos nomes não há elementos caracteristicamente formadores de séries alargadas. Destaca-se o lexema *água*: *agoa benta*, *agoa doce* e *agua rosada*. Do lado dos adjetivos, a forma *mor* (e demais variantes) integra um grande número de compostos: *alcaide-mor*, *altar-mor*, *fisico-mor*, *monteiro maior*, *resposteiro-moor*, *sororgiam-mor*, *tesoureiro-mor* etc.

Destacam-se, no bojo dos dados recolhidos, as construções exocêntricas, isto é, aquelas construções que não indicam, a partir dos seus elementos constituintes, qual é o núcleo semântico<sup>23</sup>. Registramos as seguintes: *braço deestro* ‘principal auxiliar’, *fogo montes* ‘espécie de doença’ e *olho mau* ‘mau-olhado’:

«E o Cide tomou o cavalo e deuho a dõ Alvaro Fernandez e disselhe, ã louvãdoo de seu bõo fazer: – Cuyrmãão, cavalgade, ca vos sodes o meu **braço deestro**! E, louvado seja Deus, assy o mostrou oje aquy e o demonstrará ao dyante!» (CGE 433.12)

«Esta sennor que dit’ ei / é Santa Maria, / que a Deus, seu Fillo Rey, roga todavia / sen al, / que nos guarde do ynferral / Fogo, e ar outrossi / do daqueste mundo, / dessi d’outro que á y, / com’ oÿ, segundo / que fal, / algũa vez por San Marçal, / De que sãou hũa vez / ben a Gondienda, / hũa moller que lle fez / rogo e demanda / [a]tal, / per que lle non ficou sinal / **Daquele fogo montes** / de que layda era» (CSM 81.26)

---

<sup>23</sup> O núcleo semântico constitui uma espécie de hiperônimo do composto. Em *porco montês*, por exemplo, é possível considerar o composto como um tipo de N-núcleo, ou seja, como um tipo de porco. Já o núcleo sintático é responsável por transmitir ao produto composicional algumas propriedades, como a categoria sintática e as marcas flexionais de gênero e número (*porco montês* é nome, e não adjetivo, pois o núcleo é *porco*. Por esse mesmo motivo é nome masculino e singular). Assim, o núcleo sintático de um composto corresponde ao elemento com a mesma categoria sintática do mesmo.

«E pois sodes ora tan ben andante, / ben era d'ome do vosso logar / dess' **olho mao** de vos ar quebrar, / e non andar com' andávades ante, / ca somos oj' e non seremos crás» (CEMD 81.17)

A concordância em gênero e número entre os elementos desse tipo de composto é regular, visto que se trata de um substantivo acompanhado de seu determinante. O caso de *baixamar*, que apresenta concordância de gênero anômala aos olhos de hoje, visto que *mar* é classificado como nome masculino, também está dentro das regras morfossintáticas do português arcaico: *baixa* apresenta a marca feminina porque a palavra *mar* se realizava também como feminino (NASCENTES, s.v. *mar*)<sup>24</sup>:

«aatarde sayo ocapitã moor ã seu batel cõ todos | nos outros e com os outros capitãães das naaos em | seus batees afolgar pela baya acaram dapraya | mas njnguem sayo em tera polo capitã nom | querer sem embargo de njnguem neela estar / | soamente sayo ele com todos em hũũ jlheeo ¶ | grande que na baya esta que **debaixamar** fica | muy vazio pero he detodas partes cercado dagoa | que nõ pode njnguem hir aele sem barco ou anado» (CC 4v.29)

Quanto às relações semânticas que se operam entre o nome e o adjetivo, elas são de variada natureza. Alguns adjetivos agregam ao nome a noção de origem/proveniência (*mal frances, porco montes, camisa mourisca*), de cor (*armas brancas*), de estado (*figos pasados* 'desidratados'), de valorização (*pedras preciosas, rico homẽ, homẽ bõo*) etc.

#### 5.4 COMPOSTOS NPREP N

Os compostos com a estrutura NprepN estão bem representados, e deles apresentaremos apenas alguns exemplos: *camara de paramento* 'ante-câmara' (LC), *cavaleiro d'armas* 'soldado' (CGE, LJA), *clerigo de missa* 'presbítero' (PP, CGE, LJA), *Corpo de Deus* 'hóstia' (CSM, VSA36, VSA266), *cota d'armas* 'espécie de vestimenta usada por cavaleiros em batalhas e torneios, e onde figurava o escudo real' (VFD),

---

<sup>24</sup> Registra-se, nos dicionários atuais, sob a forma *baixa-mar*, e com plural *baixa-mares*.

*escrivam da camara* ‘indivíduo que tinha por função escrever diante do rei’ (TT, VFDJ), *escrivam da poridade* ‘secretário régio’ (CDP, VFDJ), *farÿha de trigo* (PP), *filho d’algo* ‘indivíduo pertencente à nobreza’ (PP, CGE), *fogo de San Marçal* ‘espécie de enfermidade’ (CSM), *homẽ d’ordẽ* ‘religioso’ (CEMD, FR, PP, TAS), *hora de noa* ‘uma das horas canônicas, correspondente às 3 horas da tarde’ (CGE, VSA, PP), *maestres das chagas* ‘médico de determinada especialidade’ (FR), *mal de pedra* ‘cálculo renal’ (CSM), *moço da camara* ‘criado que serve na câmara do rei’ (VFDJ), *panos de doo* ‘roupa de luto’ (CGE, VFDJ), *Rabo dasno* ‘espécie de planta’ (CC), *rabo de cavalo* ‘espécie de ornamento de vestes’ (VFDJ), *rey d’armas* ‘oficial público que tem como uma de suas funções escrever as genealogias dos nobres’ (VFDJ), *sinal da cruz* (PP, LJA), *tiro de pedra* ‘unidade de medida de distância’ (CC) etc<sup>25</sup>.

Os nomes que constituem a estrutura NprepN são, na sua maior parte, morfologicamente simples.

Algumas formações apresentam peculiaridades morfossintáticas e semânticas: o composto *filho d’algo*, por exemplo, constitui um calco morfológico de construções do árabe com ‘*ibn* ‘filho’ (p. ex., ‘*ibn yáumih* ‘filho de seu dia’ = ‘efêmero’) (COROMINAS, s.v. *hijo*). O composto *filho d’algo* não constitui um tipo de filho, mas uma pessoa de condição nobre. Esse sintagma ocorre, em vários textos, ao lado de sua contraparte aglutinada, *fidalgo*, forma que ficou registrada nos dicionários de língua portuguesa. Além disso, verificou-se que a variação externa de gênero desse vocábulo (*fidalgo/fidalga*) se verifica apenas no texto *Vida e feitos de Dom João*, figurando, em alguns dos outros textos, as formas *fidalgo/fidalgos* ao lado de *filha d’algo*, *filladalgo/filhas d’algo*, em que a flexão genérica se dá internamente<sup>26</sup>.

Nas *Cantigas de Santa Maria* (séc. XIII):

«Este de que vos eu falo | era **fidalg’** escudeyro, / e foi en hũa fazenda | bõo, ardid’ e ligeyro; / mas foi per un baesteiro / mui mal chagad’ aquel dia» (CSM 408.15)

<sup>25</sup> Nos casos em que o nome constituinte do sintagma preposicional inicia-se por vogal, ocorre de regra a fusão da preposição *de* com ele. Não obstante, consideramos esse tipo de ocorrência como estrutura NprepN, uma vez que morfologicamente a preposição ainda está representada.

<sup>26</sup> Alguns desses usos se referem à forma adjetiva, que resolvemos apresentar para melhor ilustrar essa questão do gênero.

«Como Santa Maria guareceu en Vila-Sirga hũa dona **filladalgo** / de França, que avia todos nenbros do corpo tolleitos» (CSM 268.1)

Nas *Cantigas de Escarnho e de Mal Dizer* (fins do séc. XIII e meados do XIV):

«E pesará a vós muit', eu beno sei, / do que vos eu direi, per bõa fé: / polo vilão, que vilão é, / pon ora assi en seu degred' el-Rei / que se non chame **fidalgo** per ren, / se non, os dentes lhi quiten poren» (CEMD 401.12)

«ca, pera vós, pois que vos dan / gran preço d'ome de bon sen, / é ela, u á todo ben, / **filha d' algo**, e ben de pran» (CEMD 120.24)

Na *Crónica Geral de Espanha de 1344* (início do séc. XV):

«E deulhes ã essa aaz dom Gõçallo Diaz de Buervena, que era muy bõo **fidalgo** e muy valente e muy ardido» (CGE 52.13)

«Conta a estorya que el rey dom Ramiro – que foy o primeiro rey d'Aragon, segundo vos dito avemos no começo – que foy filho del rey dom Sancho de Navarra, o Mayor, e ouveo em hũa dona **filha d'algo**; e era natural de hũu castello que chamavõ Agaron» (CGE 257.19)

Na *Crónica de D. Pedro* (final do séc. XV ou início do XVI):

«Este rrei acrecentou muito nas contias dos **fidalgos** depois da morte d'el-rrei seu padre» (CDPI.24)

«ca el dizem que foi mui luxurioso, de guisa que quaaesquer molheres que lhe bem pareciam, posto que **filhas d'algo** e molheres de cavaleiros fossem, e isso meesmo donas d'ordem ou d'outro estado, que nom guardava mais hũuas que outras» (CDP XVI.15)

E, finalmente, no texto da *Vida e feitos de Dom João* (meados do séc. XVI), que, como dissemos, apresenta a forma *fidalga*, cuja variação de gênero se processa da mesma forma que em *fidalgo*, ou seja, externamente:

«E indo seu caminho lhe veo hum **fidalgo** com recado d'el-rey alegrando-se muito com sua yda, e com hum mandado geral que aos christãos em seu reino se desse tudo de graça so pena de morte e assi se cumprio inteiramente» (VFDJ 7376)

«e vinha por sua aya e camareira-mor Dona Isabel de Sousa portuguesa, molher muito **fidalga**, e prudente, e de muy onesta vida» (VFDJ 5296)



Outros compostos exocêntricos que podem ser referidos são *Corpo de Deus*, *fogo de San Marçal*, *Rabo dasno* e *rabo de cavalo*:

«Como ãu erege de Tolosa meteu o **Corpo de Deus** / na colmã e deu-o aas abellas que o comessen» (CSM 208.1)

«[C]omo Santa Maria guareceu a moller do **fogo de San Marçal** / que ll' avia comesto todo o rostro» (CSM 91.3)

«Easy segujmos nosso caminho per este mar delomgo | ataa terça feira doitaus de pascoa que foram xxj | dias dabril que topamos algũs synaaes de tera | seemdo da dita ilha *segundo* os pilotos deziam obra de | bj<sup>c</sup> lx ou lxx legoas . os quaaes herã mujta cam | tidade deruas compridas aque os mareantes | chamã botelho e asy outras aque tam bem chamã | **Rabo dasno**» (CC 1r.36)

«e nesta ordem chegaram a el-rey, que estava em hum terreiro de seus paços acompanhado de muita infinda gente e posto em hum estrada rico e nu da cinta pera cima com hũa carapuça de pano de palma e ao hombro hum **rabo de cavalo** guarnecido de prata e da cinta pera baixo cuberto com panos de damasco que lhe el-rey de cá mandara e no braço esquerdo hum barcelete de marfi» (VFDJ 7402)

Por se tratar de uma estrutura altamente produtiva, é sempre possível a formação de algumas séries léxicas: *carta de crença*, *carta de poder*, *carta de seguro*; *escrivam da camara*, *escrivam da Fazenda*, *escrivam da puridade*; *moço d'estribeira*, *moço d'espora*, *moço da guarda-roupa*; *pã d'orjo*, *pan de centão*, *pan de triigo*.

A pluralização nesse tipo de estrutura atua regularmente sobre o nome à esquerda, núcleo do composto: *cartas de seguro*, *clerigos de missa*, *dentes d'alho*, *filhos d'algo* etc. Contudo, em algumas construções o nome determinante também se apresenta no plural: *cartas de poderes*, *moços d'esporas* (vs. *moços d'espora*). Em outros casos, é o determinante que sempre porta a marca morfológica de plural: *cavaleiro d'armas*, *cota d'armas*, *homẽes d'armas*, *maestre das chagas*, *rey d'armas* e *dia de rramos*.

Os compostos com essa estrutura, apesar de formalmente homogêneos, abrangem uma rica variedade de relações semânticas: *posse* (*Corpo de Deus*, *rabo de*

*cavalo*), finalidade (*camara de paramento, carta de seguro, panos de doo*), meio de funcionamento (*moinho de vento, rellogios dagulha*) etc.

## OBSERVAÇÕES FINAIS

No período arcaico da língua portuguesa estão presentes os tipos composicionais VN, NN, NA, AN e NprepN, que se, no português contemporâneo, apresentam como bastante produtivos (com exceção talvez de AN). Embora nosso trabalho não seja de natureza quantitativa, e não tenhamos feito uso, portanto, de ferramentas computacionais que possibilitassem a análise estatística de dados, ficou evidente que modelos foram mais empregados nos textos que constituem o *corpus* considerado. Trata-se justamente das estruturas periféricas NA e NprepN, excluídas do âmbito da composição por alguns estudiosos, como Booij (2005) e Villalva (2000, 2003), por exemplo. Por outro lado, os compostos mais prototípicos, de estrutura VN e NN, forneceram poucos registros.

No âmbito das estruturas estudadas, observou-se que há compostos que são menos opacos semanticamente, em especial quando o núcleo gramatical coincide com o núcleo semântico (*pedra marmor, porco montes* e *escrivam da camara*, por exemplo) e compostos que são mais opacos, principalmente nos casos em que o núcleo semântico é externo ao composto e/ou quando atuam mecanismos tropológicos, como a metáfora e a metonímia (*foucelegon, fogo montes* e *Rabo dasno*, por exemplo). No caso do padrão VN, exocêntrico por excelência pela ausência de um núcleo sintático e um núcleo semântico, é possível estabelecer um gradualismo semântico: *fura buchos*, por exemplo, parece menos composicional que *guarda-roupa*. Contudo, em geral há prevalência das estruturas endocêntricas, em que, de regra, o núcleo semântico corresponde a um hiperônimo do composto.

No que se refere às classes mais prototípicas, ou seja, VN e NN, observou-se que as relações sintático-semânticas entre os constituintes são diversificadas. Nas estruturas VN, a relação subordinada estabelecida entre o verbo e o nome não é apenas aquela que se institui entre um verbo transitivo e seu objeto direto, podendo também ser uma relação do tipo verbo-(complemento direto)-

complemento oblíquo, como em *guarda-poo* ‘guardar/proteger X do pó’. No que tange a NN ficou evidente a existência de dois tipos de relação entre os dois nomes: coordenação e não-coordenação (que, no caso dos exemplos do *corpus*, corresponde a uma relação de modificação). No que se refere às outras categorias de compostos, NA, AN e NprepN, predominou a função restritiva/classificativa do adjetivo e do sintagma preposicional.

A composição sintagmática nominal apresenta-se, portanto, bem representada no português arcaico, principalmente no que tange às estruturas mais periféricas, mais difíceis de serem caracterizadas formalmente como compostos. É digno de nota o fato de alguns dos registros da composição VN e NN serem oriundos de empréstimos, registros esses que podem ter impulsionado a introdução e o desenvolvimento de novas formas sob esses modelos em português<sup>27</sup>.

## REFERÊNCIAS

- BADER, Françoise (1962). *La formation des composés nominaux du latin*. Paris: Les Belles Lettres.
- BARBOSA, Jeronymo Soares (1881 [1822]). *Grammatica Philosophica da lingua portuguesa (ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem)*. 7. ed. Lisboa: Academia Real das Sciencias.
- BASÍLIO, Margarida (2007). *Teoria lexical*. 8. ed. (revista e atualizada). São Paulo: Ática.
- BLANCO VALDES, Xoan L. (1985). Palabras compostas en galego-portugués. *Verba*, n. 12, p. 199-252.
- BOOIJ, Geert (2005). *The Grammar of Words*. Oxford: Oxford University Press.
- BUSTOS GISBERT, Eugenio de (1986). *La composición nominal en español*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.
- COROMINAS, J. (1983). *Breve diccionario etimológico de la lengua castellana*. Madrid: Gredos.
- CUNHA, Antônio Geraldo da (1986). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

---

<sup>27</sup> A composição VN não era comum em latim, diferentemente da composição NN apositiva, que forneceu alguns compostos para o português: *malva hibiscum* (> pt. *malvaísco*), *avis struthius* (> pt. *avestruz*), *mus araneus* (> pt. *musaranho*) (MAURER JR., 1959, p. 240).

CUNHA, Celso; LINDLEY CINTRA, Luís F. (1985). *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

DARMESTER, A. (1894 [1874]). *Traité de la formation des mots composés de la langue française*. 2. ed. Paris: E. Bouillon.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (1986). *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. (revista e aumentada). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Disponível em: <[www.houaiss.uol.com.br](http://www.houaiss.uol.com.br)>.

HUBER, Joseph (1986[1933]). *Gramática do português antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

LIÃO, Duarte Nunes de (1784). *Origem, e orthographia da lingua portugueza*. Lisboa: Typografia Rollandiana.

LINDSAY, W. M. (1937 [1915]). *A Short Historical Latin Grammar*. 2. ed. Oxford: Clarendon Press.

MACHADO, José Pedro (1956 (A-I); 1959 (J-Z)). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Confluência. 2 v.

MAROUZEAU, J. (1946 [1935]). *Traité de stylistique latine*. 2. ed. Paris: Société d'Édition «Les Belles Lettres».

MARQUILHAS, Rita (1987). O acento, o hífen e as consoantes mudas nas Ortografias antigas portuguesas. In: CASTRO, Ivo; DUARTE, Inês & LEIRIA, Isabel. (Orgs.). *A demanda da ortografia portuguesa. Comentário do Acordo Ortográfico de 1986 e subsídios para a compreensão da questão que se lhe seguiu*. Lisboa: Edições João Sá da Costa. p. 103-116.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2008). *O português arcaico: uma aproximação. Léxico e Morfologia, v. I*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

MATTOSO CÂMARA JR., J. (1998 [1971]). *Problemas de lingüística descritiva*. 17. ed. Petrópolis: Vozes.

MATTOSO CÂMARA JR., J. (1979). *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.

MAURER JR., Th. Henrique (1959). *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica.

MEILLET, A.; VENDRYES, J. (1953 [1924]). *Traité de grammaire comparée des langues classiques*. 2. ed. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion.

NASCENTES, Antenor (1955). *Dicionário etimológico da língua portuguesa, t. I*. Rio de Janeiro: Acadêmica/Francisco Alves/São José/Livros de Portugal (Segunda tiragem da 1. ed.).

NOBILING, Oskar (1907). *As Cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade (trovador do século XIII)*. Erlangen: K. B. Hof- und Univ.-Buchdruckerei von Junge e Sohn. (Edição crítica, com notas e introdução).

NUNES, José Joaquim (1956). *Compêndio de gramática histórica portuguesa (fonética e morfologia)*. 5. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora.

PAUL, Hermann (1970 [1920]). *Princípios fundamentais da história da língua*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

RIBEIRO, Sílvia (2006). *Compostos nominais em português: as estruturas VN, NN, NprepN e NA*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra, Coimbra.

RIBEIRO, Sílvia; RIO-TORTO, Graça. Denominações compositivas de estrutura VN, NN, NprepN e NA: nexos intralexicais. *Actas do XXV Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas* (Innsbruck - Áustria, de 3 a 8 de Setembro de 2007). (no prelo).

RIO-TORTO, Graça Maria (2006). O léxico: semântica e gramática das unidades lexicais. *Cadernos do CIEG*, n. 23, p. 11-34. Disponível em:  
<[http://www1.ci.uc.pt/celga/membros/docs/textos\\_pdf/o\\_lexico.pdf](http://www1.ci.uc.pt/celga/membros/docs/textos_pdf/o_lexico.pdf)>.

SAID ALI, M. (1964). *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3. ed. melhorada e aumentada de *Lexeologia e Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico*. São Paulo: Melhoramentos.

SANDMANN, Antônio José (1997). *Morfologia lexical*. 2. ed. São Paulo: Contexto.

SCALISE, Sergio (1994). *Morfologia*. Bologna: Il Mulino.

SCALISE, Sergio; GUEVARA, Emiliano (2006). Exocentric Compounding in a Typological Framework. *Lingue e Linguaggio*, v. II, p. 185-206.

TORRINHA, Francisco (1945). *Dicionário latino português*. Porto: Edições Marânus.

VÄÄNÄNEN, V. (1975[1967]). *Introducción al latín vulgar*. Madrid: Gredos.

VILLALVA, Alina (2000). *Estruturas morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras do português*. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

VILLALVA, Alina (2003). Formação de palavras: composição. In: MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da Língua Portuguesa*, 5. ed. rev. e aum. Lisboa: Caminho. p. 971-983.

VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa de (1962/1966). *Elucidário das palavras e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*. (Edição crítica baseada nos manuscritos e originais de Viterbo, por Mário Fiúza). Porto/Lisboa: Civilização. 2v.

#### **Textos do corpus:**

A CARTA de Pero Vaz de Caminha (1999). Reprodução fac-similar do manuscrito com leitura justalinear de Antônio Geraldo da Cunha, César Nardelli Cambraia e Heitor Megale. São Paulo: Humanitas.

AFONSO X (1959/1961/1964/1972). *Cantigas de Santa Maria*. Editadas por Walter Mettmann. 4 v. Coimbra: Acta Universitatis Conimbricensis, v. I, v. II, v. III, v. IV (Glossário).

AFONSO X (1987). *Foro Real*. Edição e estudo lingüístico (v. I) e glossário (v. II) de José de Azevedo Ferreira. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

AFONSO X (1980). *Primeyra Partida*. Edição e estudo de José de Azevedo Ferreira. Braga: Instituto Nacional de Investigação Científica.

CANCIONEIRO da Ajuda (1904/1920/1990). Edição crítica e comentada por Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Reimpressão da edição de Halle, acrescentada de um prefácio de Ivo Castro e do Glossário do Cancioneiro da Ajuda, publicado na Revista Lusitana, vol. XXIII, 2 v. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

CANTIGAS d'escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses (1988). Edição crítica e vocabulário do Prof. M. Rodrigues Lapa. 2. ed. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

COSTA, Avelino de Jesus da (1979). Os mais antigos documentos escritos em português. Revisão de um problema histórico-lingüístico. *Revista Portuguesa de História*, t. XVII (Homenagem ao Doutor Torquato de Sousa Soares). p. 312-321.

CRÓNICA de Dom Pedro, de Fernão Lopes (1966/2007). Edizione critica, con introduzione e glossario a cura di Giuliano Macchi. Roma: Edizioni dell'Ateneo [2. ed., revista, com edição crítica, introdução, glossário e índices de Giuliano Macchi, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda].

CRÓNICA Geral de Espanha de 1344, v. I, v. II, v. III, v. IV (1990/1983/1984/1984). Edição crítica do texto português por Luís F. Lindley Cintra. Edição facsimilada por Imprensa Nacional - Casa da Moeda. (foi selecionado o volume III para a recolha das formas).

LEAL Conselheiro o qual fez D. Eduarte Rey de Portugal e do Algarve e Senhor de Cepta (1942). Edição crítica e anotada organizada por Joseph M. Piel, Lisboa: Bertrand.

LIVRO de José de Arimatéia (1984). Estudo e edição do Cód. ANTT 643 por Ivo Castro. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa.

MAIA, Clarinda de Azevedo (1994). O Tratado de Tordesilhas: algumas observações sobre o estado da língua portuguesa em finais do século XV. *Biblos*, v. LXX, p. 33-91.

RESENDE, Garcia de. *Cancioneiro Geral* (1990/1993). Fixação do texto e estudo por Aida Fernanda Dias. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda. 4v. (foi selecionado volume III para a recolha das formas).

RESENDE, Garcia de. *Livro das obras de Garcia de Resende* (1994). Edição crítica, estudo textológico e lingüístico por Evelina Verdelho. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (capítulos: *Vida e feitos de d'el-rey Dom João Segundo* e *A trasladação do corpo d'el-rey Dom João o Segundo*).

TWO Old Portuguese Versions of The Life of Saint Alexis (Codices Alcobacenses 36 and 266). Edição de Joseph H. D. Allen Jr., Urbana: The University of Illinois.